



# Eu quero é botar... “O Ponto” na rua!



## Editorial

Abram alas para “O Ponto” e “Sem Ponto” passarem na avenida! São marcos na divulgação de textos e de informações quanto ao universo da UNILAB e do Curso de Letras do Campus dos Malês que prometem agitar as emoções de todes! Vai passar!!!!...

Um grupo de estudantes do Curso de Letras da UNILAB, Campus dos Malês, sob orientação de professores, apresenta á toda comunidade universitária mais uma iniciativa que contribui para o desenvolvimento regional e a veiculação de importantes informações sobre as Letras, a Educação, a UNILAB e muito mais.

Alexandre Silveira  
Sabrina Balsalobre  
Editores

Olá, pessoal! É com grande alegria que nós apresentamos para todos, todas e todes mais esse trabalho muito legal feito por estudantes do Curso de Letras da UNILAB, Campus dos Malês. O Jornal “O Ponto”, assim como o Podcast “Sem Ponto”, são dois canais de comunicação e de interação que trarão informações relevantes, tanto no que diz respeito à produção acadêmica de estudantes e docentes, incluindo projetos que estejam acontecendo e oportunidades para todes, como também com relação à produção literária de estudantes de Letras.

“O Ponto” trará reportagens, entrevistas, artigos de opinião, divulgação de eventos e editais importantes para os/as estudantes, englobando toda a sorte de assuntos que nos circundam. Já o “Sem Ponto”, conectado com as matérias apresentadas no jornal, vai ampliar alguma discussão específica, aprofundar temas, trazendo a fala de pessoas que melhor possam discutir o que está sendo apresentado. Como diz o nosso mestre Gilberto Gil, na música Pela internet, “Eu quero entrar na rede, Promover o debate...”. Nós de “O Ponto” e de “Sem Ponto” também queremos entrar na “vazante da info-maré” dos Malês para que estejamos, cada vez, mais conectados uns com os outros, para que nos integremos e nos conheçamos melhor.... A intenção é a de aproveitar essa potência de nossa comunidade acadêmica e colocarmos “O nosso bloco na rua”.

Para que a iniciativa tenha o sucesso merecido, a participação do público é sempre bem-vinda. Nossos canais de comunicação estão abertos para receber textos, sugestões e críticas que nos ajudem a melhorar, e nossos “repórteres” estão sempre à disposição para ir atrás de notícias e investigar o que for do interesse de estudantes, docentes e interessados no mundo das Letras, da Educação e da Sociedade em geral.

Nosso trabalho é coletivo, contando com pessoas que têm se dedicado para fazer de “O Ponto” e de “Sem Ponto” marcos na história do Curso de Letras do Campus dos Malês. As pautas são discutidas coletivamente, as tarefas divididas em equipes de trabalho e a participação é sempre ativa em cada fase da composição da edição do mês. Isso mesmo que você leu! Cada mês teremos uma edição nova do jornal e do podcast para ser “degustada” por todes e, quem sabe, numa edição futura, não será o seu texto, a sua produção ou a sua colaboração que estará publicada nesse jornal que é de Letras!

E como diz a canção... “ Eu, por mim, queria isso e aquilo /Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso / É disso que eu preciso ou não é nada disso / Eu quero é todo mundo nesse carnaval /Eu quero é botar meu bloco na rua / Brincar, botar pra gemer / Eu quero é botar meu bloco na rua / Gingar, pra dar e vender... Queremos todo mundo nesse Carnaval!!!

## Relatos que nos dão mais segurança!

lexicais, considerados sagrados ou imorais, pela sociedade. Buscando compreender o porquê de tanto receio e julgamento quanto ao uso de expressões consideradas xingamentos, a estudante guineense Lauci estudante guineense Lauci Correia defendeu o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Tabus linguísticos de cunho sexual no guineense moderno” em 5 de fevereiro de 2020. Segundo a estudante, o desejo de estudar esse tema se deu a partir das discussões sobre tabu linguístico nas aulas de Morfologia, ministrada por sua orientadora Prof.ª Dra. Manuele Bandeira. “Eu sempre fui uma pessoa direta com os nomes e

influência do meio onde eu cresci”, diz Lauci Correia. Assim, a partir das suas experiências como falante da língua guineense e com os conhecimentos adquiridos em sala de aula e pesquisa, a estudante escolheu estudar os fenômenos sociais e linguísticos em relação às palavras íntimas do sexo feminino e masculino, e como esse tabu pode ocasionar o apagamento e surgimento de palavras no guineense moderno.

A metodologia escolhida para a pesquisa foi qualitativa e quantitativa. Para Lauci, a parte mais difícil de seu trabalho foi a

aplicação dos questionários e, principalmente, a análise dos dados. Apesar das dificuldades encontradas durante a escrita e pesquisa do seu trabalho, a estudante afirma que “foi um trabalho incrível, cansativo, ousado e desafiador”.

Ficou interessado na pesquisa? Visite o repositório digital da UNILAB



Lauci Correia – 8ª fase de Letras



por Manoela Ventura

O dicionário Houaiss conceitua Tabu como “interdição cultural e\ou religiosa quanto a determinado uso,

comportamento, gesto ou quanto à linguagem”. Nesse segmento, o tabu linguístico atua na permissão ou proibição de se expressar itens



O Sistema de Bibliotecas da UNILAB tem ofertado o “Plantão Tira Dúvidas”, uma oportunidade interessante para resolver questões relativas a empréstimos e entregas de TCC, dentre outros assuntos. Maiores informações: [bibliotecamales@unilab.edu.br](mailto:bibliotecamales@unilab.edu.br)



Profª Wania Miranda – Coordenadora do Curso de Letras-IHLM

## Com a palavra, as professoras Wania Miranda e Lavínia de Jesus, coordenadoras do Curso de Letras - IHLM

Queridos, Queridas, Queridos estudantes! Sejam bem-vindos a mais um semestre letivo, que começa já com novidades muito boas, como o Jornal e o Podcast que vocês estão organizando com tanta competência.

A Comissão Organizadora já está sendo montada para dar prosseguimento ao evento. Saliemos a importância da Semana de Letras para o nosso curso, pois é uma oportunidade de conhecermos os trabalhos desenvolvidos por nossos docentes e discentes e partilharmos experiências.

## A Coordenação do Curso de Letras gostaria de informar que, em 2021, realizaremos a IV Semana de Letras, em formato online.

Em 2020, devido à suspensão do Calendário Acadêmico em atendimento às Leis e Decretos Federais que dispõem sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Covid-19, não pudemos realizar a nossa IV Semana de Letras do Campus dos Malês.

A presença dos/as estudantes neste evento é fundamental e, por isso, a Coordenação do curso gostaria de incentivar uma maior participação dos/as estudantes não apenas na apresentação de trabalhos e/ou na audiência das apresentações, mas também e, principalmente, na organização do evento, pois a Semana de Letras é feita para e pelos/as estudantes.

Diante disso, os/as estudantes que se sentirem interessados em participar da organização podem procurar os representantes discentes do curso de Letras ou mesmo a Coordenação para mais informações.

Continuaremos a atualizar as novidades sobre o evento neste jornal e em outros meios de comunicação.

Que possamos construir esse evento juntos/as!

Um grande abraço!  
A Coordenação.



Profª Wania Miranda



Profª Lavínia de Jesus

## Sem ponto

O PODCAST DO  
JORNAL O PONTO!

## Sem ponto

O PODCAST DO  
JORNAL O PONTO!

No spotify  
Nas redes sociais

Neste primeiro episódio do **Podcast Sem Ponto**, há uma entrevista imperdível com a Coordenação do Curso de Letras do Campus dos Malês: um balanço da coordenação dos Professores Eduardo e Shirley e as expectativas das novas coordenadoras Professoras Wânia e Lavínia.

**Não percam!!!!**

Aponte a camera de seu celular para o QR code ao lado e acesse o Sem Ponto



### O que você gostaria de ver por aqui?

Quer contribuir para o Jornal O Ponto? Mande seu email com sugestões, críticas e comentários para [jornaloponto@unilab.edu.br](mailto:jornaloponto@unilab.edu.br) e sigam @jornaloponto no Instagram.



**Voce sabe o que faz o Programa Pulsar?**

**Aguarde mais novidades por aqui!**



## Uma conversa com João Dito, artista plástico guineense, ex-aluno de Letras da UNILAB.

João Dito Sambu, vulgo Dito Buanh, iniciou os estudos primários em Mansoa (Guiné-Bissau) uma cidade situada 60km ao norte da capital do país, Bissau. Começou seus trabalhos artísticos no país africano, mas atualmente reside no Brasil, onde realiza sua formação acadêmica e aprimora sua técnica na arte da pintura.

Por Lauci Correia

Nos primórdios de 2004, Dito Buanh mudou-se para Bissau onde mais tarde terminou seus estudos do Ensino Médio na Escola Nacional Kwamen N'kruma (2012). Desde muito novo, percebeu que tinha certa habilidade para desenhos e capacidade de inventar seus próprios brinquedos e, sempre que podia, brincando, testava suas habilidades fazendo desenhos no chão, produzia carros de lata e arame e brincava de moldar o barro. A sua primeira experiência de pintura teve início em Mansoa.

Ainda com os seus 13/14 anos, fez a sua primeira obra (pintura) na qual representou o nascimento de Jesus Cristo. Essa primeira tentativa não saiu como o esperado, as cores quase não apareciam porque Dito pintava com tinta a óleo para parede, a qual precisava ser diluída antes do processo. Com o passar do tempo, Dito foi adquirindo mais noção de como pintar e como utilizar a tinta de melhor forma. Assim, portanto, começou a ter mais aperfeiçoamento pintando as cabaças, inicialmente de forma voluntária e, mais tarde, atendendo a pedidos das pessoas. Em Bissau, além de trabalhar com esses materiais, descobriu novas formas de pintar em contraplacado, com tintas de óleo, até ganhar de presente um estojo de pincéis, em 2011, e também tinta acrílica e telas para pitar. Tudo ofertado por um amigo português chamado Mateus. Anos mais tarde, Dito veio estudar no Brasil como ele mesmo nos conta:

*Cheguei aqui no Brasil em 2014, através de vaga de estudo da Unilab, na qual fiz a graduação plena no curso de Letras Língua Portuguesa, no Campus de Malês, na Bahia (2018). Atualmente, estou na pós-graduação fazendo curso de especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso de Sul (UFMS). Fazer arte para mim significa não só demonstrar as habilidades de pintar, desenhar ou recriar [...] fazer arte é um campo para expor a minha percepção da sociedade, um espaço onde consigo expressar de maneira livre aquilo que penso e que sinto. Portanto, eu faço arte não com objetivo de despertar emoções, mas sim, para provocar reflexões nas pessoas sobre o nosso comportamento como seres humanos dentro da sociedade.*



Dito ainda explica que não tem um estilo definido, apesar de estar se descobrindo a cada dia e, segundo o artista, ele se encontra numa técnica de pintura abstrata. No desenho, ele se assume mais realista.

Hoje em dia, ele pinta quando tem condições e inspiração, ao contrário do tempo quando estava em Guiné-Bissau que só podia pintar no período do dia, porque à noite normalmente era mais difícil para ele.



Título da obra: **Desfile da Natureza**

Este trabalho é como um convite para levar os seres humanos sentirem como é bom apreciar a natureza, pois este desfile do cavalo na floresta demonstra a beleza que a natureza nos dá como presente.

Estilo: realismo

Materiais: óleo sobre tela (primeiro trabalho com tinta a óleo)



Título da obra: **Guinendadi** (a essência de ser guineense ou aquilo que caracteriza um guineense), portanto, o quadro traz uma descrição na qual permite fazer uma leitura sobre a diversidade étnico cultural guineense e sobre toda beleza que define a Guiné-Bissau como um território africano através dos detalhes e as cores que são símbolos da própria nação.

Estilo: abstrato

Materiais: acrílica sobre tela

Contato do artista:  
+55 85 99762-9650



Carla Santana

Por Natali Anunciação e  
Andréia Santos



Amanda Barreto

## EMPREENDEDORISMO FEMININO: MUITO MAIS QUE SÓ DINHEIRO!

Histórias de mulheres pretas do Recôncavo Baiano

O empreendedorismo feminino está a cada dia ganhando mais espaço na sociedade e isso significa que as mulheres estão assumindo lideranças e construindo uma sociedade mais justa e igualitária.

Os motivos da abertura do próprio negócio nem sempre estão associados à possibilidade de escolha.

Muitas dessas mulheres decidem começar a empreender porque a sociedade diminui o espaço de trabalho para elas, principalmente para aquelas que são mães.

Nós conversamos com duas mulheres empreendedoras da cidade de Santo Amaro para entender melhor suas realidades e desafios enfrentados.

(na próxima página)

Nós conversamos com duas mulheres empreendedoras da cidade de Santo Amaro para entender melhor suas realidades e desafios enfrentados.



Para Amanda, confeitaria da Amarilis Confeitaria, um dos principais motivos para a abertura de sua doceria está ligado à necessidade de sustento da família e o momento de convívio e criação do seu filho. Outros motivos que

levam essas mulheres a empreenderem seus próprios negócios surgem da falta de produtos no comércio que valorizem a própria identidade, como é perceptível na fala de Carla Santana, pedagoga e empresária. Vejam, na íntegra, a entrevista que as empreendedoras Amanda Barreto e Carla Santana deram ao jornal O Ponto:

#### Falem um pouco sobre vocês e seus empreendimentos

Amanda: Olá, me chamo Amanda, tenho 30 anos e sou doceira na “Amarilis Confeitaria”. Eu e minha irmã, Marília, fundamos esse empreendimento há 7 anos.

Carla: Sou Carla Santana, 35 anos, sou Pedagoga e uma mulher preta empreendedora. A “Ela Acessórios” tem 6 anos de atividades.

#### Quais foram os motivos que levaram vocês a abrir um negócio próprio? Como tudo começou?

Amanda: Fazemos bolos e doces personalizados, além de doces tradicionais e gourmet. Quando meu primeiro filho nasceu, senti a necessidade de ter uma atividade onde pudesse conciliar a criação dele e a nossa renda, foi assim que nasceu a nossa empresa, da necessidade de ser mãe e empreender para sanar nossas necessidades. No aniversário de dois anos do meu filho, fizemos os doces e todo mundo elogiou, pouco tempo depois decidimos tentar empreender nessa categoria e deu super certo.

Carla: A “Ela Acessórios” surgiu de um sonho que tinha. Sempre fui apaixonada pelas estampas africanas que me causam uma sensação de identificação e vitalidade, principalmente uma conexão com a ancestralidade. Queria produzir algo que me identificava, porém não encontrava na minha cidade algo que valorizasse a identidade preta. Fui pesquisando, comecei com brincos amadeirados que pintava um a um, selecionava estampas e fui seguindo para bolsas, colares tudo que o tecido pudesse me permitir criar.

#### O que vocês desejavam conquistar quando escolheu empreender?

Amanda: Inicialmente, era um plano B, apenas para auxiliar na renda da família. Na época, eu cursava a Universidade Federal da Bahia e ficava no traslado entre Salvador e Santo Amaro e meu plano era concluir a faculdade e procurar um

emprego na área. Porém as coisas foram seguindo outro caminho e hoje eu sou especializada em confeitaria artística pela Universidade Católica de Salvador.

Carla: Que a “Ela” chegasse a mais empreendedoras de Santo Amaro.

#### Como vocês percebem o crescimento do empreendedorismo negro no Brasil?

Amanda: Não dá pra romantizar o empreendedorismo. A maior parte surge da necessidade de manter a família e da falta de oportunidade. Porém, o crescimento me deixa feliz pela percepção que estamos tendo da capacidade de empreender. Somos sim, capazes e estamos aptos e dispostos ao sucesso.

#### Quais os desafios de ser uma mulher empreendedora na cidade de Santo Amaro?

Amanda: Em Santo Amaro, especificamente, o desafio gira em torno da falta de oportunidade e de incentivo ao empreendedor. Sendo mulher e mãe, as dificuldades triplicam. Não existe assistência ao empreendedorismo feminino por parte dos gestores e organizações públicas na cidade. Esse ano surgiram grupos particulares de apoio, que facilitaram muito o entendimento e agregaram conhecimento à causa.

#### Sabemos que nesse momento pandêmico muitas empresas precisaram se reinventar ou repensar o negócio. Com vocês como tem sido esse momento? Quais as dificuldades em manter o empreendimento com a pandemia?

Carla: Com a ausência da loja física, devido a esse momento em que, economicamente, tornou-se mais difícil manter, além do aumento de custo de matéria prima, as redes sociais se tornaram imprescindíveis, já utilizava, porém, no momento, é o foco principal.

Amanda: Como a nossa loja é online, as coisas foram menos difíceis em relação à burocracia. Porém a adaptação nos cuidados e na entrega dos produtos triplicaram. A maior dificuldade está na falta de consciência de muitos que, desrespeitando esse momento, fazem com que ele se estenda, prejudicando a nós e a todos os empreendedores que desejam voltar suas vendas e as vidas ao normal.

#### Vocês já pensaram em desistir? Se sim, em qual momento?

Amanda: Sim, infelizmente nem tudo são flores. Aumento de insumos, dificuldade na gestão...vários foram os momentos que a vontade de desistir foi grande. Mas graças a Deus as realizações e superações foram maiores e nos convenceram a permanecer.

Carla: Nunca pensei em desistir da “Ela Acessórios”.

#### Que recado vocês podem dar a outras mulheres que desejam se tornar empreendedoras?

Carla: Empreender é historicamente e socialmente algo que podemos dizer que se tornou natural para a mulher e principalmente para a mulher preta, que através do cotidiano sempre criou estratégias para sustentar a família. Empreender está ligado à autonomia, à autoestima. É a liberdade de fazer!

Amanda: O empreendedorismo não é fácil, como nada na vida é. Mas com certeza você é capaz de ter êxito. A chave é não desistir e fazer o melhor que puder, com o que tiver. Quando você torna o esforço uma constante, percebe os resultados positivos que ele pode lhe trazer. Vai dar tudo certo!

Como podemos observar nas falas das empreendedoras Carla e Amanda, o empreendedorismo feminino está para além do dinheiro, é um movimento que mexe com as mais diversas estruturas sociais. Além da geração de renda, movimenta toda uma rede de mulheres que se sentem inspiradas a reconstruírem suas vidas, pois se veem representadas nas histórias de mulheres como Amanda, Carla e tantas outras que tomaram a iniciativa de começar um negócio com propósitos que vão além do dinheiro, um negócio com identidade e ressignificações.

O Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - ressalta que “mulheres empreendedoras não só contribuem para o desenvolvimento econômico de um país, como também para o desenvolvimento sociocultural, ao potencializarem suas famílias através de investimentos em cultura e educação, possibilitando o crescimento de outras pessoas, mostrando que o empreendedorismo feminino é, além de tudo, um importante instrumento de transformação social”. A entidade sem fins lucrativos acredita no crescimento e na qualificação de mulheres, contando com um site com conteúdo exclusivo para o empreendedorismo feminino o “Sebrae delas” (<https://sebraedelasbahia.com.br>), o qual apresenta dicas de profissionalização e cuidados para as mulheres que desejam abrir seu próprio negócio.

Visite:

@amaralisconfeitaria  
@ela\_acessorios



## Sobre o PIBID LETRAS

Profª Ludmylla Mendes  
Coordenadora do PIBID Letras Malês

Em novembro de 2020 foi iniciada a nova edição do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. A Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do campus dos Malês participa desta edição, tendo sido contemplada com 16 bolsas para estudantes e 2 bolsas para professores da rede pública do município de São Francisco do Conde. O PIBID Letras do campus dos Malês é coordenado pelos professores Alexandre Cohn da Silveira e Ludmylla Mendes Lima. A escola-campo parceira da UNILAB neste projeto é o CEAJAT - Colégio Estadual Anna Junqueira Ayres Tourinho, localizado em Caípe, município de São Francisco do Conde.



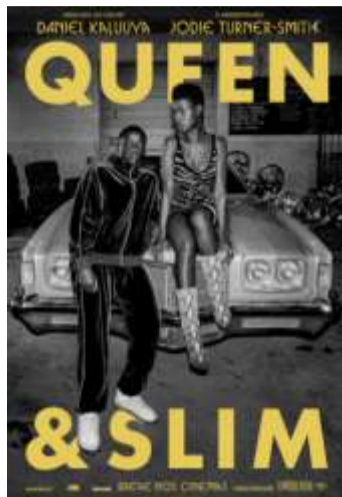
CEAJAT – Escola campo de atuação (ainda remota) dos bolsistas e professores da equipe do PIBID Letras/Malês

O programa visa contribuir para a formação docente do profissional de Letras no âmbito do ensino de literatura, do letramento literário e político e das questões de políticas linguísticas voltadas para o ensino da língua portuguesa. Um dos principais objetivos do PIBID é a articulação entre a teoria e a prática durante o processo formativo dos estudantes de licenciatura, ampliando a capacidade crítica e a criatividade dos bolsistas a partir do contato com os professores supervisores e das vivências na escola-campo.



# É filme bonito que você quer, @? Então toma: Queen e Slim!

Por Belisa



Queen e Slim é um filme muito bonito! Pode parecer bobo começar assim, mas essa é a característica que primeiro salta aos olhos dos desavisados (e os enche), então vá sabendo já que, provavelmente, você vai se apaixonar a cada vez que for assistir, já que é bem provável que você queira ver de novo e de novo.

O filme começa com Queen e Slim, uma mulher negra e um homem negro, se encontrando pela primeira vez depois de terem se conhecido pelo aplicativo Tinder (pois é, gente, T-I-N-D-E-R). O encontro é bem ruim (pro meu gosto rs), mas quando os dois estão indo embora, um policial branco.

manda parar o carro e as coisas se complicam bastante quando Slim acaba atirando e matando o policial.

A única opção: fugir para continuarem vivos, já que no estado americano que ambos moram a pena de morte é legalizada (não que precise de legalização para a polícia matar pessoas pretas, né!). Eles também têm total noção de como o sistema penal funciona para pessoas como eles.

É nessa fuga que o filme acontece! Os protagonistas começam juntos uma viagem em direção ao sul do país e por onde passam se tornam símbolo e inspiração para outras pessoas pretas, ao mesmo tempo que também geram discussões e discordâncias.

Vou evitar spoilers, mas o filme é cheio de referências, diálogos e cenas que nos botam pra pensar em coisas como: escolhas, como vivemos nossas alegrias e nossas desgraças pessoais e coletivas, objetivos, e, óbvio, amor! "Queen e Slim" é, sobretudo, um filme sobre amor em suas variadas formas: auto-amor, amor entre casais e amor em comunidade e todos eles estão

muito interrelacionados: enquanto os dois protagonistas se transformam ao longo de uma linda jornada, eles conhecem a si mesmos de forma a apurar suas melhores qualidades em benefício da dupla, que vai se tornando um casal.

Ainda por cima carregam consigo o apoio de familiares, amigos e desconhecidos com um passado em comum.

Além da beleza visual, o filme conquista pelo ouvido também. Está disponível nas plataformas de streaming a trilha sonora que acompanha Queen e Slim por toda sua viagem. Cada música é tão viciante quanto o próprio filme.

O filme tem ainda grandes nomes como Daniel Kaluuya (de Corra!) no papel de Slim, a estreia de Jodie Turner-Smith no papel de Queen, Lena Waithe assinando o roteiro e direção de Melina Matsoukas, que já produziu clipes como Lemonade e Formation (junto com outra Queen, a Beyoncé). Bora assistir?

#### Ficha técnica:

Filme longa metragem:

Queen & Slim

Ano: 2019 (produção),

2020 (lançamento)

Duração: 132 minutos

Gênero: Drama

Local: Canadá, EUA

## CANTO POÉTICO

### O meu fim

Natali Mota

(Poeta e Acadêmica da 7ª fase de Letras - Mulher negra periférica)

O meu fim não é a morte

O meu fim é ser vazio

É ser esquecimento

É ser dor que já passou quando ainda existem feridas

O movimento imperceptível quando ainda existe arte

O meu fim é não existir você

O outro que me encontra como outro

Aurora

Trei suportar o fato de ser fim sem a morte?

O meu fim é o silêncio do meu silêncio

Quando não houver Eu para contar histórias sobre mim e sobre ti.

## Revista Njinga & Sepé

Uma inovação em publicações de textos escritos em línguas minorizadas.

Por Equipe "O Ponto"



*Humanidades e Letras, Doutor Alexandre António Timbane.*

**Professor Timbane, primeiramente obrigado por esta entrevista. Gostaríamos de saber como surgiu a ideia de criar a Revista Njinga & Sepé e quais os objetivos desta publicação? Também gostaríamos que o senhor explicasse sobre o nome da revista.**

Quero agradecer né pela vossa entrevista né... para que eu possa contribuir com alguns argumentos sobre o surgimento da revista Njinga & Sepé... Vocês estão de parabéns pelo jornal dos estudantes de Letras, um jornal muito importante porque vai fazer com que haja circulação

**“O objetivo desta revista é divulgar e promover as línguas africanas, indígenas, as línguas minorizadas... torná-las línguas da ciência, línguas capazes de exprimir a ciência.”**

de informação no meio acadêmico, então é de extrema importância também a presença desse jornal.

Respondendo a pergunta, a ideia do surgimento da revista Njinga & Sepe é um desejo meu já antigo, desde 2018, e que não foi possível concretizar devido a vários fatores. Neste momento de pandemia em que todos nós estamos confinados, tive que refletir um pouco mais e achei que estava perdendo uma oportunidade muito importante para implementar esta revista. O nome da revista junta em si o nome o nome da rainha africana Njinga Mbandi e do guerreiro indígena Sepé Tiarajú. Eu entendi que a Unilab, sendo uma universidade internacional, merecia ter uma revista



*Um importante passo para a valorização dos povos historicamente marginalizados foi dado no meio acadêmico. Trata-se da criação da Revista Njinga & Sepé, uma publicação totalmente voltada para a divulgação de textos dos mais diversos gêneros, escritos em línguas minorizadas, como as línguas africanas e as línguas indígenas brasileiras. Conversamos com o idealizador e editor desse importante ato em prol do respeito à diversidade e aos direitos linguísticos, o professor do Colegiado de Letras, Instituto de*

que atendesse os países africanos e que atendesse os povos indígenas. Eu discuto muito sobre as políticas linguísticas e se vocês forem olhar os meus artigos, defendo. Por exemplo, a oficialização das línguas indígenas das línguas africanas também nos espaços onde elas ocorrem. Então, para isso, precisamos de produzir materiais e a criação da revista vai nesse sentido, no sentido de valorizar também as línguas africanas, no sentido de valorizar as línguas indígenas e de Timor-Leste, incluindo também as línguas de sinais. O objetivo desta revista é divulgar e promover as línguas africanas, indígenas, as línguas minorizadas... torná-las línguas da ciência, línguas capazes de exprimir a ciência. Isso só é possível se efetivamente nós usarmos essas línguas em contexto da educação. Aí vamos criar palavras adequadas para as diversas áreas do conhecimento, assim como para os diversos conceitos utilizados nas ciências.

Então é muito importante a presença dessa revista, porque ela vai estimular vários pesquisadores a escreverem nas suas próprias línguas. Um indígena que fala baniwa, por exemplo, pode escrever na sua língua, escrever seu artigo, escrever sua poesia, escrever uma resenha... ler um livro em português e fazer a resenha em baniwa. Isso é muito importante! Daria o mesmo exemplo com a língua kikongo, uma língua angolana, ou changana, uma língua bantu moçambicana... como pode ser um grande orgulho, por exemplo, ver um artigo escrito na minha língua materna.

#### Quais desafios estão sendo enfrentados no processo de criação e organização de uma revista com essas particularidades?

Os desafios são muitos. Primeiro não existem revistas que se prestam a publicar nas línguas africanas e em línguas indígenas brasileiras. Não há! Então, é assim... esse é o grande desafio. Por isso é que eu tenho uma comissão científica muito longa, com mais de 50 pessoas, acho que vão chegar a 100 porque estão

faltando mais países. Só olhar para a África são 54 países e eu gostaria que tivesse pelo menos um representante de cada país, pelo menos um professor representante de cada país. Então a comissão científica vai ser muito grande, o que também é um desafio para encontrar avaliadores de cada país.

Outro desafio é a ortografia. Muitas línguas ainda não têm uma padronização ortográfica, então o que vai acontecer é que aceitaremos qualquer forma de escrita da língua enquanto não houver uma padronização dessa língua reconhecida oficialmente, desde que esta escrita seja compreensível. E à medida que o tempo passa, ou à medida que esses países padronizem ou oficializem as suas grafias, aí sim nós vamos migrar para essas novas padronizações.

Enfrentamos, por exemplo, um desafio em relação às línguas de sinais, mas graças a colaboração dos colegas que fazem parte da equipe, co-editores, acabamos estipulando uma possibilidade de acolher todas as línguas de sinais e fazer com que elas também façam parte da revista, uma revista que não segrega e

**“Há uma tendência de todos caminharmos para uma língua comum, a língua inglesa, e isso não é justo porque ofuscar uma língua, ou apagar uma língua, é apagar a identidade de um povo, porque a língua carrega vários elementos da cultura de seu povo.”**

todos nós usemos, tenhamos contato e valorizemos as línguas que estão em desvantagem. O português tem vantagem porque é língua oficial, mas as outras não. Então é bom que todas as línguas tenham essa oportunidade, essa chance de poderem ser escritas. Se

vocês forem ver, há muitas leis que são escritas todas em português, fazendo com que não sejam conhecidas pelos povos locais. Eu, por exemplo, não sei como é que se diz o hino do meu país na minha língua materna. Então eu não entendo perfeitamente o que significa cada palavra do hino nacional de Moçambique. Então essas coisas todas podem ser esmiuçadas e sim serem escritas nas línguas dos diversos povos.

#### Como as pessoas podem ter acesso a mais informações sobre a Revista?

Entrando no site (<http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/index>) . É preciso se cadastrar e convidamos a todos para que se cadastrem, escolham vários papéis que estão lá. Há papel de leitor, de avaliador, de autor... a escolha desses papéis é importante para o crescimento da própria revista... convidem pessoas que estejam interessadas... divulguem, expandam essa boa-nova e informem as pessoas que estão interessadas nessas línguas minoritárias para que participem deste trabalho, apoiando e enviando textos diversos, artigos, poemas, resenhas, que serão avaliados e publicados na revista. É uma revista pioneira, no meu ponto de vista, mas que pode chamar a atenção das autoridades para a necessidade da oficialização das línguas e para a necessidade de valorização das línguas locais. É preciso mostrar que todas as línguas são capazes de refletir o pensamento literário e científico. O inglês não é uma língua inventada para a ciência, ela se adaptou às condições da ciência. Nós podemos também adaptar o changana, o baniwa ou o nheengatu para atuarem como línguas de ciências também. Há uma tendência de todos caminharmos para uma língua comum, a língua inglesa, e isso não é justo porque ofuscar uma língua, ou apagar uma língua, é apagar a identidade de um povo, porque a língua carrega vários elementos da cultura de seu povo.

**20 de Janeiro** – Dia de São Sebastião, na Umbanda é sincretizado com o orixá Oxóssi.

**21 de Janeiro** – Dia Nacional do combate à intolerância religiosa.

**28 de Janeiro** – Dia de São Gonçalo, padroeiro do município de São Francisco do Conde.



#### Políticas linguísticas da pandemia

Por Alexandre Silveira

A pandemia de Covid-19, para além de submeter as pessoas a situações difíceis relativas à própria doença, ao isolamento social e ao consequente baque econômico, tem também trazido à tona aspectos de uma política linguística que só vem acentuar uma já existente e enorme desigualdade social. As ações oficiais desde o início do problema, em fevereiro de 2020, não só têm atuado como agravantes do caos estabelecido, como também vêm contribuindo para que o período de sofrimento se prolongue por um tempo ainda indeterminado. Como consequência disso temos o desprezo pela vida e o descaso com a condição humana, sempre arrebatando a corda no lado mais fraco da sociedade.

O governo brasileiro não se preocupou, como de costume, com as populações indígenas relativamente às questões sanitárias de proteção e tratamento das vítimas do coronavírus. Para além do descaso com o Sistema Único de Saúde e o estrangulamento de programas sociais como o “Mais Médicos” – o qual garantia atendimento às pessoas residentes nos lugares mais longínquos desse país –



as políticas linguísticas nacionais seguiram a mesma linha de exclusões adotada pelo governo federal desde sua posse, em 2019. Todos os materiais de instrução sobre os sintomas, os cuidados de higiene e as medidas protetivas contra o vírus foram produzidos em língua portuguesa, e o “mito do monolinguismo” (OLIVEIRA, 2000) foi utilizado como uma política de desprezo às mais de 200 línguas indígenas existentes no país. Os materiais existentes em algumas línguas indígenas, apesar de serem de responsabilidade da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), órgão vinculado ao Ministério da Saúde, foram produzidos por universidades e organizações não governamentais.

Cito aqui o trabalho do Projeto Origem ([sipad.ufpr.br/portal](http://sipad.ufpr.br/portal)) da Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade, da Universidade Federal do Paraná (SIPAD/UFPR), e também as ações desenvolvidas pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Apesar dos cortes de verbas para a Educação e para o ensino público superior, produziram uma série de vídeos explicativos sobre as questões sanitárias referentes ao COVID-19 em diversas línguas indígenas das etnias Macuxi, Taurepang, Taurepang Pemom, Xokleng, Wapichana, Wai wai, Yanomami e Ye'kwana. Seguindo a mesma ideia de respeito aos direitos linguísticos e à vida dos povos indígenas, o Instituto Socioambiental ([covid19.socioambiental.org](http://covid19.socioambiental.org)) tem operado veiculação de informações nas línguas dos povos indígenas do Alto Rio Negro, nas línguas Baniwa, Dâw, Nheengatu e Tukan. O Conselho Indigenista Missionário ([cimi.org.br](http://cimi.org.br)) participa na frente em defesa aos direitos indígenas através de um trabalho junto à Associação Wakoborun de Mulheres

Munduruku no sentido de traduzir materiais informativos compartilhados com os indígenas nas aldeias via aplicativo de celular e também por meio de rádios.

Se a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (UNESCO, 1996) destaca como principais ameaças para os direitos linguísticos dos indivíduos, o processo de mundialização da economia e o modelo economicista de desenvolvimento, a pandemia trouxe à tona a realidade de que, infelizmente, “nem todas as vidas importam” para o executivo brasileiro. “Direitos linguísticos” são, verdadeiramente, “direitos humanos”, sendo, portanto, fundamental o compromisso coletivo e governamental a garantia desses direitos, não havendo espaço para os comentários jocosos e irresponsáveis de que “é uma gripezinha”, “temos que tocar a vida pra frente” ou “não há o que se fazer. Uma política linguística séria, democrática e humanizada opera não apenas na veiculação das informações que salvam vidas em todas as línguas que circulam em território nacional. Vai além, buscando diminuir, com todos os esforços possíveis, inclusive através de ações linguísticas, diminuir o número crescente de mortos e garantir, aos historicamente deixados à margem, a informação, a imunização e a vida digna.

Texto citado: OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: Monolinguísmo e Preconceito Linguístico. In: MOURA, Heronildes; SILVA, Fábio (Org.). O direito à fala? A questão do preconceito linguístico. Florianópolis, Editora Insular, 2000. p.67-78.



## Estudar na pandemia: um desafio para todas, todos e todes

Por Marcos Nunes Junior

A pandemia provocou diversas mudanças na sociedade mundial e as instituições de ensino foram obrigadas a adotar sistemas de ensino remoto ou Educação a Distância (EAD) para contornar a situação. Muitos estudantes (e também muitos professores!) caíram de paraquedas nessa situação, sendo introduzidos num modelo no qual não tinham equipamentos necessários e experiências sólidas de estudos para enfrentar melhor essa situação. Contudo, seguiram firmes, readaptaram seus costumes e reinventaram suas dinâmicas de estudos para obter resultados satisfatórios.

Nada é fácil e toda a ajuda é sempre bem-vinda para enfrentarmos esse desafio. Pensando nisso, achamos importante oferecer a nossa contribuição também. A seguir, confira seis (6) dicas importantes para o estudo remoto que podem te ajudar a conseguir resultados satisfatórios:

**1.ª dica:** Construa o seu espaço de estudo, reservado para assistir as aulas síncronas e realização das atividades assíncronas. Feito isso, poupará e ganhará um bom tempo quando chegar a hora de estudar, pois o seu espaço estará disponível com todos os seus materiais. Pronto, é só sentar e efetuar as suas tarefas!

**2.ª dica:** Estabeleça uma rotina de estudo para os encontros síncronos e tarefas assíncronas, assim como para a realização de leituras necessárias. Com isso, certamente você realizará as tarefas dentro dos prazos, evitando assim correr riscos de fazer atividades em cima da hora e, conseqüentemente, obterá um bom desempenho. a boa avaliação.

**3.ª dica:** Construa uma agenda e organize-a com antecedência de acordo com os horários dos encontros síncronos e atividades assíncronas. Não esqueça as datas marcadas para as entregas de atividades. Marcar no calendário do seu smartphone é uma das opções mais viáveis, por ser o equipamento que nos acompanha o dia todo, todos os dias. Um alarme avisando da próxima atividade faz muita diferença em relação à pontualidade, no cumprimento dos horários de entrada nas aulas síncronas e ainda no alerta para entrega de atividades no prazo estabelecido.

**4.ª dica:** Baixe os arquivos de todos os componentes disponibilizados pelos docentes na plataforma de estudos, criando no seu desktop, notebook, tablet ou smartphone, um repositório para cada disciplina, e um documento com as orientações deixadas para o cumprimento das atividades. Feito isso, jamais terá

preocupações quando a plataforma estiver em manutenção, ou com instabilidades, pois, já terá todos os arquivos e orientações para efetuar suas leituras e atividades. Quando possível, mantenha sempre atualizadas as pastas de arquivos no seu aparelho eletrônico, quando novos conteúdos forem adicionados, ou as datas forem modificadas pelos docentes.

**5.ª dica:** Tenha foco e fique atento aos prazos e às leituras dos textos, pois as distrações estarão por toda a parte e, com certeza, sempre encontrará aquela velha desculpa para adiar uma leitura, um exercício, ou mesmo responder um questionário. Mas lembre-se sempre, se não fizer no momento certo, no final do prazo vai ter que entregar alguma coisa e não existe milagre nos momentos finais. A leitura feita anteriormente, dentro dos prazos, fará com que o seu trabalho possa alcançar os níveis melhores que você sabe que é capaz de produzir.

**6.ª dica:** Confira o equipamento, a sua conexão e o link dos encontros antes do horário, testando se está tudo ok. Caso tenha algum problema, procure resolver antes, procurando ajuda dos colegas, e/ou avise o professor sobre as dificuldades em acessar o encontro.

O ensino remoto exige muita atenção e dedicação, parece que o tempo passa mais rápido quando estamos em casa assistindo filmes, dormindo, às vezes não nos alimentamos bem, deixamos de fazer exercícios físicos. Nos deixamos levar pelo conforto do lar e, na maioria das vezes, a junção desses fatores afeta não só a nossa saúde, mas também o nosso desempenho acadêmico. Por isso, tenhamos sempre em mente de que a rotina pode afetar o seu estudo e, pelo fato de ser ensino à distância, a exigência de nossa mais alta dedicação cabe a nós mesmos!



## Estágio supervisionado obrigatório para o curso de Letras

Como fica o estágio com a pandemia de Covid-19?

Por Andreia Santos e Sabrina Balsalobre

Os estágios supervisionados dos cursos de licenciatura constituem-se oportunidades fundamentais para que as/os graduandas/os conheçam mais de perto a realidade com a qual vão atuar em suas carreiras docentes. Assim sendo, a ESCOLA é um ambiente essencial para a formação de professores e de professoras. É nesse espaço que a mágica da docência acontece! É um dos momentos privilegiados para se ver a teoria sendo colocada em prática!

Mas em tempos de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19, como concretizar o estágio supervisionado?

Todos sabemos que a educação básica é um dos setores mais prejudicados pela pandemia. Ao se considerar a educação pública, então, entendemos que as condições materiais para que aulas remotas aconteçam são ainda mais deficitárias. Infelizmente, o cenário é alarmante!

Por isso, nós da área de estágio supervisionado do curso de Letras, da Unilab, Campus dos Malês, passamos horas e horas pensando! São, afinal, muitos fatores a serem considerados:

- 1) Estágio em escolas é imprescindível para uma formação de qualidade! Não é possível abrir mão disso!

- 2) Mas a pandemia já está durando quase um ano...
- 3) As aulas na rede básica só voltarão presencialmente quando houver condições sanitárias adequadas....
- 4) Então, o que fazer com as/os estudantes de Letras que precisam se formar?! É justo que tenham sua formação ainda mais prejudicada pela pandemia?
- 5) Não é só o diploma que está em jogo... é também a saúde mental, a inserção no mercado de trabalho (já que estamos falando, fundamentalmente, de estudantes da classe trabalhadora que precisam contribuir com o sustento de seus lares)...

Enfim, após equacionarmos tudo isso, decidimos estabelecer um plano de estágio supervisionado remoto! É o ideal? Obviamente que não.... Por outro lado, em uma situação emergencial, precisamos pensar em um **estágio de emergência**.

A primeira providência foi consultar a legislação vigente! Nesse sentido, há a Portaria da Reitoria da Unilab nº 497, de 26 de novembro de 2020 e a resolução *ad referendum* do Consep nº 45, de 10

de novembro de 2020. Sobre essa última, o quarto artigo justamente trata das questões do estágio:

Art. 4º Fica facultado aos colegiados deliberar sobre a realização de disciplinas de estágio supervisionado mediante atividades não presenciais supervisionadas pelo/a docente responsável pela disciplina, devendo ainda essa(s) deliberação(ões) constar(em) em Ata de Reunião de Colegiado.

Assim sendo, com atenção à legislação vigente e após aprovação do colegiado de Letras, criaremos estratégias *online*, a fim de que ocorram as aulas teóricas, bem como os momentos de observação e de regência!

Acreditamos que, logo, teremos de volta a possibilidade de parceria entre universidade e escola nos processos formativos docentes! Com certeza, essa pandemia suscitou muitas reflexões e aprendizados à educação como um todo! Que possamos estar em alerta sempre!



Vamos falar  
sobre...  
**INCLUSÃO?**

## Inclusão da pessoa com deficiência e mobilidade reduzida através da acessibilidade.

Por Lidiane Conceição

No nosso dia a dia você já parou para analisar as barreiras que a pessoa com deficiência e mobilidade reduzida enfrentam, por inexistência da acessibilidade? Sejam para chegar no ambiente de trabalho, universidade, serviços de saúde, locais de lazer, esporte, turismo e comércio, entre outras atividades.

Já parou para pensar que a maioria das pessoas não nasceram com a deficiência, e que na vida existem muitas fases e uma delas podemos precisar da acessibilidade?

Os passeios existentes são irregulares, com buracos, escorregadios, sem piso tátil e rampas adequadas, árvores em locais inadequados, carros estacionados sobre o passeio, materiais de construção, entre outros. A “Faixa livre ou passeio: destina-se exclusivamente à circulação de pedestres, deve ser livre de qualquer obstáculos, ter inclinação transversal até 3%, ser contínua entre lotes e ter no mínimo 1,20 m de largura e 2,10 m de altura livre.” (NBR 9050, 2020).

Os pisos devem ter superfície regular, firme, estável e antiderrapante sob qualquer condição que não provoque trepidação em dispositivos com rodas (cadeira de rodas ou carrinhos de bebê).

A Lei Federal Nº 10.098/2000 estabelece normas e critérios para promover a

acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. De acordo com ela, acessibilidade significa: “possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.” (BRASIL,2000).

A inadequação dos passeios e a inexistência da acessibilidade contribuem para a exclusão social, restringe o direito de ir e vir e inibe a participação e a integração das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, que por consequência não podem exercer plenamente sua cidadania e se veem afetados em sua dignidade, levando-as ao isolamento, forçando-as a se concentrarem em espaços fechados e impedindo-as de sociabilizarem-se.

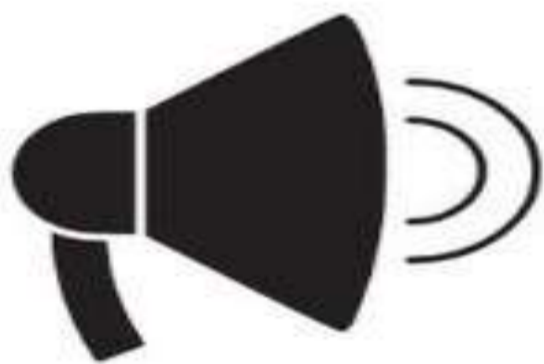
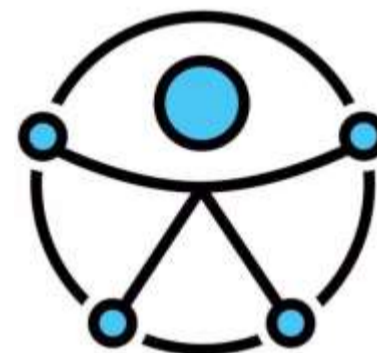
As Leis existem e servem para garantir que a democracia e os direitos do cidadão sejam respeitados.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Associação Brasileira de Normas Técnicas ABNT NBR 9050: 2020. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.**

Rio de Janeiro, RJ: ABNT NBR 9050, 2020.  
BRASIL. Lei nº 10.098/2000, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.**  
Brasília, DF: Presidência da República, 2000. Disponível em:

“[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm)” acesso em 14 de dez.2020.  
BRASIL. Lei nº 10.048, de 08 de novembro de 2000. **Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências.**  
Brasília, DF: Presidência da República, 2000. Disponível em: “[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L10048.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10048.htm)” acesso em 14 de dez. 2020.



POLITICAMENTE  
*letrando*

### E o que mais as urnas podem nos dizer? Breves reflexões sobre as eleições municipais de 2020

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre  
Emilson N’Dame

Nos dias 15 e 29 de novembro de 2020, brasileiras, brasileiros e brasileiras foram às urnas para decidir o futuro político dos 5.568 municípios do país. Ao apertarem a tecla verde, que tipo de “confirmação” estava sendo proposta aos cargos de prefeito/a, de vice-prefeito/a e de vereador/a? Considerando que essas eleições foram marcadas pela pandemia do Novo Corona Vírus e pela contemporânea mudança radical nos rumos políticos do país – após o golpe a um governo democraticamente eleito, em 2016, e a eleição presidencial de um governo fascista, em 2018 –, a intenção aqui é a de refletir sobre o recado das urnas para os próximos quatro anos!

Bom, o mais óbvio a ser dito é o de sempre... Majoritariamente, as cidades continuarão sendo governadas pelos partidos que permanecem historicamente no poder. São 782 prefeitos eleitos pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro), 683 pelo PP (Partido

Progressista), 654 pelo PSD (Partido Social Democrático), 519 pelo PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e 464 pelo DEM (Democratas) – para falar apenas sobre os partidos que mais elegeram representantes. Esse cenário não nos revela nada de novo. Repete-se aquele mesmo perfil: maioria de políticos homens, com idade mais avançada, preponderantemente brancos, ricos ou financeiramente confortáveis, heterossexuais, que utilizam sua profecia religiosa para engajar-se na política e que defendem os interesses do agronegócio.

No entanto, acredito que esse espaço de O Ponto deva ser ocupado por outras vozes e olhares. Assim sendo, o que mais o resultado das urnas pode nos dizer? Em uma demonstração de ânsia por representatividade – afinal, vivemos em uma democracia representativa! – elegemos, em 2020, candidatas que levarão às tribunas municipais outras cores, outros afetos, outras pautas, outros saberes, outras estéticas, outras crenças... Ainda que não seja majoritário, houve um expressivo aumento da escolha do eleitorado por candidatas com pautas mais progressistas e que valorizam a diversidade.

Para começar, é fundamental destacar que 10 cidades brasileiras serão administradas

por prefeitos indígenas, a partir de 2021. Ademais, serão 200 vereadores autodeclarados indígenas, sendo que 34 eleitas são mulheres. Ainda que esse número seja baixo, já é bem mais expressivo do que nas eleições anteriores. Segundo dados do site *Racismo ambiental*, “os Estados com maior quantidade de eleitos, em 2020, são Amazonas (38), Paraíba (18), Pernambuco (17) e, com 15 eleitos cada, Roraima e Bahia.”

Por sua vez, ao se considerar a pauta quilombola, houve 58 eleitos, de um total de 10% de candidatas/as que estavam concorrendo. De acordo com o CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), trata-se de um resultado bastante expressivo considerando o histórico de participação dessa comunidade e indica uma importante tendência para a defesa do território e de lutas pelas pautas de comunidades remanescentes de quilombo.

Um resultado que merece ser aplaudido em pé é com relação às mulheres negras eleitas! Alguns grandes feitos merecem destaque: Aline Flausino (PCdoB – Partido Comunista do Brasil) foi eleita a primeira mulher negra da Câmara de Vereadores de Goiânia, sendo assentada da Reforma Agrária, jovem, agente Comunitária de

Saúde, Educadora Popular da Escola do Assentamento Dênis Gonçalves e em defesa da pauta do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Em Porto Alegre (RS), houve QUATRO mulheres negras eleitas vereadoras! Carol Dartora (PT – Partido dos Trabalhadores) foi a primeira vereadora negra em Curitiba (PR) com um total de 8.407 votos, sendo a terceira mais votada na capital do Paraná.

Continuemos em pé para aplaudir o fato de que três mulheres transexuais estão entre as dez candidaturas mais votadas em grandes capitais do Brasil! Babadeiras!!!! **Erika Hilton** (PSOL – Partido Socialismo e Liberdade), com 27 anos, será a primeira mulher trans negra vereadora da cidade de São Paulo, com 50.508 votos (a primeira mulher mais votada e a sexta no ranking geral de SP). **Duda Salabert** (PDT – Partido Democrático Trabalhista) foi a candidata a vereadora mais votada em Belo Horizonte (MG), sendo a primeira vereadora trans da capital mineira, com 37.613 votos. **Linda Brasil** (PSOL), com 5.773 votos, foi a vereadora mais votada em Aracaju, capital do Sergipe! E não para por aqui, não! Segundo a Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), em 2020, houve a candidatura de 294 pessoas trans registradas em todo o país, sendo que 30 foram eleitas!!!! Seguem mais alguns nomes para deixar registrada essa expressividade: Benny Briolly (PSOL/Niterói, RJ), Thammy Miranda (PL – Partido Liberal/ São Paulo, SP), Thabatta Pimenta (PSDB/ Carnaúba do Dantas, RN), Filipa Brunelli (PT / Araraquara, SP), Lins

Roballo (PT/ São Borja, RS), Anabela Pavão (PSOL/ Batatais, SP) etc., etc., etc.

Complementando esse texto que deixa quentinho o coração daqueles/as que acreditam que podemos escolher políticos que representam efetivamente a diversidade do povo brasileiro em suas reais necessidades, não é possível deixar de mencionar os **mandatos coletivos** que foram eleitos. Nas eleições de 2016, em todo o Brasil, houve 13 registros de candidaturas coletivas. Em 2020, foram 257! Nessas candidaturas, o vereador eleito compartilha as decisões do mandato com um grupo de pessoas. Esse modelo não é previsto em lei e exige um acordo informal entre os integrantes. O PSOL propôs 99 dessas candidaturas, seguida pelo PT com 51. Em geral, elas são formadas por pessoas que compartilham de pautas identitárias e que buscam representatividade no cenário político brasileiro.

Nesse sentido, merecem muito destaque as **Pretas por Salvador!** Laina Crisóstomo, Cleide Coutinho e Gleide Davis foram eleitas pelo PSOL, representando a primeira candidatura compartilhada da capital baiana, sendo três mulheres negras!!!! É isso! Nos dizeres delas mesmas: “Vai ter mulher preta na Câmara Municipal de Salvador sim, vai ter LGBT, vai ter evangélica, vai ter candoblecista e muito mais. Vamos ocupar de bonde.”

Antes de encerrar esse texto, no entanto, gostaríamos de brevemente refletir sobre algumas posturas lamentáveis que assistimos durante as propagandas políticas. Qualquer apostador sabe, de princípio, que existe, no mínimo, dois resultados ao final de cada aposta: vencer e

perder. Sim, certamente, ninguém se sente confortável em encarar a realidade quando o resultado não for a vitória. Isso levou alguns candidatos ao desatino de desejar toda desgraça deste mundo aos votantes: *“Obrigada a equipe que votou em mim, quem não votou, traíra, que Deus te condene pela falta de ética e personalidade, que você não tem”*. (METROPOLE). A verdade é que precisamos, cada vez mais, conhecer a visão e o caráter dos candidatos, na medida em que vivemos em uma democracia representativa, ou seja, elegemos as pessoas em quem confiamos para nos representar. A postura desses candidatos – que não reconhecem a derrota como parte do jogo político – representa o quão baixo eram, como também confirma o clichê de que ainda existem políticos que não agem por interesse do povo em primeiro plano.

No contexto das eleições municipais de 2020, muitas lições foram tiradas. De modo geral, a tecla “confirma” foi apertada por milhares de pessoas que acreditaram, sim, em um país mais justo e diverso. Foram eleitores/as que vislumbraram saídas democráticas a partir da consciência de suas escolhas políticas. Celebremos e cobremos! A partir de agora, é importante acompanhar as decisões de nossos representantes! A tecla verde representa o “fim” do nosso voto e o início de um mandato de quatro anos, cujos interesses em jogo são os nossos! Sigamos atentos!



## Primeiro Mestrado do Campus dos Males será na área de Letras.

Profª Eliane Gonçalves

Em novembro de 2020, a equipe gestora e docentes responsáveis pela proposta de criação do mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África da UNILAB – Malês, receberam virtualmente a Comissão de Avaliação da Capes, para uma diligência de averiguação das condições físico-estruturais para a recomendação de aprovação do projeto enviado na Análise de Propostas de Cursos Novos (APCN-2019).

Na primeira etapa, ainda em 2019, o projeto foi considerado um dos mais bem elaborados do ano, e destacado pela comissão de avaliação da área como inovador, especialmente por sua natureza interdisciplinar e por sua meta de cooperação acadêmica internacional entre os países da Lusofonia. A equipe de avaliação elogiou ainda o desenho acadêmico e pedagógico da proposta, bem como a produção acadêmica docente e suas pesquisas em andamento.

No entanto, considerou necessária uma diligência de visita para conferência da infraestrutura disponível no campus Malês da Unilab, para o qual se propunha o curso. Essa segunda etapa deveria ocorrer no primeiro trimestre de 2020, e por conta da situação de calamidade público-sanitária que atravessamos, ocorreu no segundo semestre de 2020.

Novembro é um mês especial para nossa comunidade, é um marco histórico para o País e a para a População Afrodescendente, mês em que celebramos Zumbi e reafirmamos o compromisso com nossa ancestralidade, nossa luta e nossas vitórias. Justamente, a visita remota à Universidade ocorreu nos dias 19 e 20 de novembro de 2020, com três momentos distintos e importantes. O primeiro encontro ocorreu na manhã do dia 19/11, com a presença dos representantes institucionais da UNILAB e os consultores de área da CAPES. No momento, o Reitor e o Pró-reitor de pesquisa da UNILAB demonstraram total compromisso com a implantação e acompanhamento do curso. O Reitor apresentou detalhes acerca do

andamento da construção de dois grandes prédios que abrigarão o curso e a pró-reitoria e comprometeu-se com, ao menos, uma bolsa para o início do curso.

O segundo encontro da diligência aconteceu à tarde, e a Diretora de Campus dos Males percorreu todos os espaços físicos, fazendo transmissão via celular para acompanhamento dos consultores. O terceiro encontro ocorreu na manhã do dia 20/11, quando se deu a reunião dos consultores com o corpo docente da proposta e a coordenação de curso. Podemos dizer que este foi um dos momentos mais ricos, pois o grupo pode demonstrar o comprometimento acadêmico e o engajamento com uma proposta de pesquisa e trabalho que vem sendo tecida mesmo antes de sua escritura. Assim, após análise da diligência, tivemos a indicação favorável à implementação de nossa proposta que, por hora, aguarda os trâmites legais para sua efetivação.

A proposta do **Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil – África** pressupõe o diálogo com as humanidades e a compreensão das diversas linguagens a partir dos estudos literários e linguísticos, bem como suas interfaces com a educação. Observa que as semelhanças e diferenças do corpo discente e do docente, desde a graduação, permitem um conhecimento mais efetivo das especificidades dos contextos socioculturais dos falantes de língua portuguesa.

Nosso curso é carinhosamente chamado de MEL (Mestrado em Estudos da Linguagem) – depois de tempos sombrios, temos o ruflar de um tempo de Esperanças, essa notícia adoça de forma natural nossos sonhos e nossa crença nas ciências, na educação pública, laica, de qualidade social comprometida com um mundo mais justo e equânime.

Vamos torcer para que tudo se resolva rápido... porque **Malês... RESISTE!!!**

*Um até logo!!!!*

*Nossas palavras finais são de gratidão, endereçadas a todos, todas e todes que contribuíram para que pudéssemos colocar o nosso Bloco na Rua!!!!*

*Valeu!!!*

## Quem fez a coisa acontecer? A Equipe dessa edição



Ana Kézia Santos Meireles



Andreia Santos



Alexandre Silveira



Belisa



Beatriz Trindade



Débora Teles



Emilson N´Dame



João Vitor Bispo Cerqueira



Lauci Correia



Lidiane Conceição



Manoela Ventura



Marcos Nunes Jr



Natali Anunciação



Pefna Tchuda



Sabrina Balsalobre